

Fiúza: tradição secular e modernidade unidas pela arte

(<http://www.travelandtaste.pt/lisboa-e-vale-do-tejo/fiuz-tradicao-secular-e-modernidade-unidas-pela-arte>)

10/12/2016

0 COMENTÁRIOS ([HTTP://WWW.TRAVELANDTASTE.PT/LISBOA-E-VALE-DO-TEJO/FIUZ-TRADICAO-SECULAR-E-MODERNIDADE-UNIDAS-PELA-ARTE#COMMENTS](http://www.travelandtaste.pt/lisboa-e-vale-do-tejo/fiuz-tradicao-secular-e-modernidade-unidas-pela-arte#comments))

No Ribatejo há uma adega diferente, onde a arte urbana dá as boas vindas aos visitantes. Francisco Camilo e Ivo Smile, *graffiters* nacionais, assinam as obras.

Por: Fátima Ferrão



Recorrendo a um street artist, a marca renovou a adega. Foto: D.R.

Na adega dos vinhos Fiúza, em Almeirim, as paredes soam a hip-hop. Não porque se ouve música ambiente, mas porque expõem trabalhos realizados por dois artistas urbanos nacionais - Francisco Camilo e Ivo Smile –desafiados para este projeto por uma das sócias da **Fiúza & Bright** (<https://www.facebook.com/fiuzabright/?fref=ts>). Até aqui nada de novo, não fosse Maria Luíza Fiúza Guedes de Queiroz dona de uns respeitáveis 80 anos. Oito décadas de experiência de “vida ativa e sempre atenta à evolução dos tempos”, como conta à **Travel&Taste** o sobrinho, Giovanni Nigra, administrador da marca.

Ainda assim, e mesmo conhecendo a tia, Giovanni confessa que ficou estupefacto com a ideia. “Um dia pegou no tablet e mostrou-me as obras de alguns artistas que tinha pesquisado na Net. Depois disse-me: ‘contacta estes que foi de quem gostei mais’”, recorda.

Desta conversa até ao início dos trabalhos passaram poucos meses. Maria Luiza quis conhecer e falar com os artistas e desafiá-los pessoalmente para a 'empreitada'. "Fiquei um pouco espantado por ser uma senhora de uma faixa etária mais avançada, mas ao mesmo tempo achei graça", revela Francisco Camilo, que conhecemos – e vimos trabalhar ao vivo e cores - durante a visita à adega. Francisco assume que este trabalho sai um pouco do habitual, mas que foi um desafio muito interessante e diferente.



Francisco Camilo foi um dos grafiteiros a aceitar o desafio dos vinhos Fiúza Foto: D.R.

Passado o primeiro briefing, os dois artistas arregaçaram as mangas e lançaram-se à aventura de transformar uma adega operacional numa espécie de galeria de arte urbana. Sem nunca fugir à temática do vinho, o desafio de trabalhar durante 3 a 4 meses no projeto, acabou por prolongar-se por quase um ano e por ganhar uma dimensão que, ao início, ninguém antecipara. Em novembro passado abriu finalmente as portas de cara lavada, satisfazendo a curiosidade de muitos que por ali passaram enquanto decorriam os trabalhos.

Fazer vinho numa galeria de arte

A vindima deste ano foi feita já com a 'exposição' praticamente pronta. Graffiteiros e trabalhadores da adega conviveram animadamente durante o período de maior azáfama no local e, de ambos os lados, houve aprendizagem. Francisco Camilo confessa que não conhecia ao pormenor o processo de produção do vinho, assim como alguns dos funcionários locais assumem nunca ter acompanhado de perto o nascimento de diversas obras de arte urbana.

Falamos em diversas pois a marca não se limitou a fazer um ou dois graffitis apenas para decorar o espaço, mas quis verdadeiramente integrar o processo de produção com a arte e mostrar que tradição e modernidade podem conviver no mesmo espaço.

Desde que entramos, os traços de ambos os graffiteiros acompanham o percurso, trazendo luz e cor para dentro da adega.



Tradicionalmente mais escuro, o ambiente enche-se agora de cores vibrantes, com os vermelhos e os amarelos a dominar. Há uma estante/biblioteca virtual nas paredes da receção, a convidar a provar um dos néctares da casa, enquanto relaxamos num dos cadeirões que ali encontramos. Depois de desfrutar do momento, é tempo de avançar para o corredor, encimado por cubas de diferente dimensão. Ao fundo, mais uma parede que expõe os traços dos artistas e que tão bem se integra no ambiente.

Admitimos que não é fácil descrever o que vemos e sentimos enquanto avançamos adega adentro. No entanto, podemos assegurar que o espaço merece a visita, demorada e atenta, para não perder pitada de cada pormenor ali deixado por Francisco Camilo e Ivo Smile.

"Esta é uma nova etapa para os vinhos Fiúza", assume Giovanni Nigra. "Três mil metros quadrados transformados em arte, um restyling a sério", acrescenta.

A adega e a cave estão agora de portas abertas para receber os visitantes que, além da galeria de arte, podem também provar os vinhos da casa (com marcação prévia).